
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

TABORDA, Francisco — WENZEL, João Inácio — WERLANG, Renito José: *Os sacramentos na luta do povo*. — Petrópolis: Ed. Vozes, 1986. 59 pp., 22,7x15,7cm. (Coleção: da base para a base; 20).

É um livro de caráter popular com a intenção de relacionar os sacramentos com a vida e a luta das classes populares. Uma primeira versão foi publicada pelo jornal *Pelejando*, da CPT, CPO e CEBs de Minas Gerais.

O livrinho está dividido em duas partes. A primeira (“A luta dá em festa”) trata dos sacramentos em geral, procurando explicar os sacramentos numa comparação com a relação entre as lutas populares e as festas do povo. Está dividida em seis capítulos. No fim de cada capítulo, sob o título “Continuando a conversa” há perguntas para o grupo, via de regra três. Em geral a primeira procura aprofundar o aspecto antropológico do assunto, a segunda visa à compreensão sacramentalógica e a terceira relaciona o que foi dito no capítulo com algum texto da Bíblia. Em dois momentos se procura didaticamente fazer perceber a lógica interna do livrinho, através do item “Olhando o horizonte”.

A segunda parte (“A festa da luta”) passa cada um dos sete sacramentos na perspectiva aberta na primeira parte. Em geral procura partir do gesto simbólico que constitui o cerne do sacramento. O capítulo referente à eucaristia é todo em versos. Aliás, tanto na primeira como na segunda parte, cada capítulo é resumido em sua idéia principal através de versinhos (em geral uma quadrinha ou uma sestilha). Também na segunda parte os capítulos se concluem com perguntas para eventual estudo em grupo.

O livrinho foi ilustrado com arte por José Fernandes Machado, jesuíta como os autores: uma gravura de página inteira no início de cada parte e uma vinheta em cada capítulo.

Embora dois dos autores sejam gaúchos e um catarinense, dão a sua linguagem um colorido mineiro, com expressões típicas da região. O que é explicável a partir dos destinatários primeiros dos textos ora reunidos em livro e pelo fato de os autores na época da composição terem estado radicados em Belo Horizonte. Os versos talvez não sejam tão populares quanto deveriam. Mas nada disso tira o sabor e a originalidade do livrinho.

A. D.

RICHARD, Pablo (ed.): *Raíces de la teología latinoamericana: nuevos materiales para una história de la teología.* — San José: DEI/CEHILA, 1985. 456 pp., 21x13,2cm. ISBN 997-904-14-6.

Como o subtítulo já o indica, trata-se da continuação da publicação de materiais para uma futura história da Teologia latino-americana. O livro anterior, também organizado por P. Richard, *Materiales para una Historia de la Teología en América Latina* (Cehila-Dei, San José 1981) teve parte traduzida em português (*História da Teologia na América Latina*, Paulinas, São Paulo 1981) e foi recenseado por nossa revista (*Persp. Teol.* 16 [1984] 401-402).

Livro abundante em material, com pequenas monografias sobre diversos personagens da história da América Latina sob o ângulo de sua teologia, mesmo que tais personagens fossem políticos, revolucionários ou índio. Não se trata do estudo de teólogos, no sentido estrito do termo, mas da teologia de pessoas que assumiram posturas libertadoras. O ângulo fundamental da análise são as perspectivas libertadoras dos autores.

As duas primeiras partes compreendem estudos referentes às épocas da Cristandade colonial (1492-1808) e da Neocristandade (1808-1960). A escolha obedeceu, na minha percepção, a critérios bem diversos, já que os autores foram apresentando suas pequenas pesquisas. Não consegui ver um critério comum que comandasse a seleção dos autores selecionados para o estudo. Assim ora temos o estudo da atuação de bispos (V. de Quiroga, Sanabria) com a teologia implícita de sua pastoral, ora de religiosos defensores dos índios ou dos negros (os capuchinhos Epifanio de Moirans e Francisco de Jaca), ora de autores mais messiânicos (M. Lacunza), ora de uma religiosa humanista (Sor Juana Inés de la Cruz), ora da visão cristã do índio Tupac Amaru, ora de revolucionários políticos (Bolívar, José Martí). São curtos trabalhos interessantes, que nos revelam uma história pouco conhecida de pessoas que já iam semeando elementos de Teologia libertadora.

Há outros trabalhos que têm uma dimensão mais sintética, seja a própria introdução — coloca-nos diante uma periodização da história da Teologia orientadora para o leitor —, seja o estudo introdutório sobre a Teologia na época colonial em traços bem gerais, seja enfim uma curta reflexão sobre a moral católica na sociedade colonial brasileira.

De todos os autores estudados, mais me chamou a atenção o trabalho sobre o jesuíta chileno Manuel Lacunza e a envergadura de sua obra. Sem dúvida, aponta-se veio rico a ser explorado sobretudo no estudo das correntes milenaristas de nosso Continente.

Em dimensão bem mais restrita, há curtos trabalhos sobre a História da Teologia latino-americana na tradição protestante. Dois pequenos trabalhos teóricos globais dão-nos uma idéia geral sobre a direção da Teologia protestante sob a ótica libertadora na sociedade tradicional e moderna da América Latina.

A contribuição mais longa ficou por conta de P. Trigo, que faz detalhado es-

tudo de romances importantes da literatura latino-americana sob a perspectiva teológica. Analisa 14 romances de 12 autores de 8 países diferentes da América Latina, estabelecendo assim um diálogo profundo entre o teólogo e o romancista. G. Gutiérrez aprofunda um dos autores — J. M. Arguedas — continuando nas pegadas de Trigo.

Uma última parte do livro reúne uma série de trabalhos sobre a relação entre Teologia e religiosidade popular, sobre modelos de leitura da história da América Latina, sobre mitos, símbolos, cantos e folclore religiosos, procurando desentranhar deles sua inspiração teológica libertadora.

O livro preenche plenamente sua finalidade: oferecer material para ulteriores pesquisas e avançar já algumas pistas úteis na interpretação e na organização do riquíssimo material ainda inexplorado da História da Teologia de nosso Continente. Para que possamos chegar a uma visão mais completa e sintética da História da Teologia da América Latina, ainda necessitamos de muitos trabalhos como esse, que nos vão acumulando pequenas análises, descobertas preciosas, e princípio de sistematizações.

J. B. L.

PIENDA, Jesús Avelino de La: *El sobrenatural de los cristianos*. — Salamanca: Ed. Sígueme, 1985. 219 pp., 21,5x13,5cm. (Coleção: verdade e imagem; 91). ISBN 84-301-0961-7.

Este livro constitui uma tese doutoral apresentada em 1977 na Universidade de Comillas. Embora boa parte da obra seja consagrada a K. Rahner, não deixa o A. de expor, com clareza e objetividade, o pensamento de outros teólogos modernos sobre a questão.

Numa primeira parte que abarca as correntes sobre o sobrenatural na Teologia atual o A. examina a concepção extrínseca, a teoria de Maréchal, o pensamento de Blondel e a contribuição de Brisbois, não exaustivamente mas para preparar o leitor para o capítulo seguinte. Neste é exposta de um modo mais extenso e sistematizado a concepção de Lubac sobre a relação entre natureza e graça, e a reação que ela provocou seja do magistério seja de outros teólogos da época. Terminando esta parte o A. traz a elaboração de Alfaro; na conclusão afronta bem sinteticamente as posições de Lubac e de Alfaro. A segunda parte da obra é toda consagrada a K. Rahner. Embora tenha por título “o existenciário sobrenatural segundo K. Rahner”, o A. traz muitos outros pontos da teologia rahneriana estreitamente vinculados com a sua concepção de graça. Deste modo vêm à tona temas como a história da salvação, a concepção evolutiva do universo, a consumação do mundo, a concupiscência, o pecado original, a pena de dano e o cristocentrismo da salvação. Todo um capítulo é dedicado ao tema do “cristianismo anônimo”, um outro à revelação, seguido de

outro sobre a atividade missionária da Igreja, completado com um excuro sobre o ateísmo. Termina esta parte uma avaliação crítica do pensamento rahneriano, antropológica e teologicamente. Finalmente numa última parte, bastante curta com relação ao resto do livro, o A. tenta uma superação do enfoque “natural-sobrenatural” na Teologia.

É, sem dúvida, uma obra de valor, por sistematizar clara e inteligentemente um material complexo e bastante disperso. Neste sentido é um livro que pode ser de muita utilidade nas Faculdades de Teologia, seja para professores, seja para alunos. Apenas observamos que a parte final do mesmo merecia um tratamento mais cuidadoso, em que estudasse não só a superação deste enfoque tradicional, mas sobretudo como refluiria esta superação sobre os temas teológicos intimamente ligados a esta questão.

M. F. M.

MESTERS, Carlos — SUESS, Paulo: *Utopia cativa: catequese indigenista e libertação indígena.* — Petrópolis: Ed. Vozes, 1986. 88 pp., 15,8x11,6cm. (Coleção: teologia orgânica; 15).

Este pequeno volume da coleção “Teologia Orgânica” reúne dois trabalhos versando sobre a problemática da atividade missionária entre os índios.

C. Mesters (9-49), com o estilo atraente que caracteriza suas obras, procura estabelecer a atitude correta do missionário frente aos mitos indígenas. Serve-lhe de parâmetro a evolução acontecida na revelação vétero-testamentária. A partir daí estabelece princípios para a catequese entre os povos indígenas. O ponto básico na argumentação é a diferença entre fé e religião. A primeira é a “origem, a raiz, o centro polarizador, a partir do qual a consciência do povo se forma”; a segunda “é a forma concreta de exercer a fé”, “é condicionada pela cultura em que se vive” (22). É preciso transmitir aos povos indígenas a fé, sem obrigar-lhes à religião. O A. mesmo resume sua posição: “Para que pudesse chegar o NT, o povo da Bíblia recebeu de Deus a oportunidade de viver o seu AT. Os índios devem ter e receber a oportunidade de viver o seu antigo testamento, que tem as suas etapas necessárias para chegar até Cristo. Ajudá-los e estimulá-los a viver estas etapas é obra evangelizadora” (49).

P. Suess (51-88) defende — como em trabalhos anteriores — que a questão indígena deve ser pensada em sua especificidade como problema étnico e não em meros termos sociais como questão de classe. Aqui ele explicita a problemática, abordando sete aspectos: o reconhecimento da alteridade dos povos indígenas (o mais acentuado), a terra como forma específica de sua alteridade, a questão da identidade dentro de um estado nacional, o projeto que esse estado tem para os povos

indígenas, o desafio que as nações indígenas apresentam à Igreja, a resistência dos povos indígenas e as alianças possíveis e necessárias. Com relação aos povos indígenas há três opções possíveis: "Pela *inculturação* desfaz parcialmente a minha alteridade e recrio uma nova identidade. Na *aliança*, ambas as partes mantêm a sua diferença e se prestam apoio estratégico. Pela *incorporação/integração* procura-se desfazer a diferença do outro" (77-78). Na primeira está o caminho do missionário; na segunda a saída política para uma verdadeira libertação; a terceira é inaceitável, pois destrói esses povos (etnocídio que acaba em genocídio).

F. T.

HEDSTRÖM, Ingemar: *Somos parte de un gran equilibrio: la crisis ecológica en Centroamérica.* — San José: DEI, 1985. 136 pp., 20,8x13,2cm. (Colección: ecología-teología) ISBN 9977-904-17-0.

O livro de *Ingemar Hedström* faz parte da coleção "ecologia-teologia" e visa abordar o problema da crise ecológica na América Central numa perspectiva teológica.

O livro é dividido em três partes. Na primeira (5-14), o A. apresenta alguns conceitos básicos de ecologia, situando-os dentro da realidade da América Central. A segunda (15-94), a parte mais extensa da obra, baseando-se em ampla literatura, aborda o problema técnico do meio ambiente da América Central, a saber: desequilíbrios ecológicos, devastações, exploração desenfreada das multinacionais, consequências econômicas e biológicas para os homens e as tentativas de soluções. Na terceira parte (95-114), o A. desenvolve uma breve reflexão bíblica sobre o meio ambiente, o que ele denomina *ecoteologia*.

Sem dúvida, as duas últimas partes da obra são as mais importantes, sobretudo a segunda parte, onde o A. é muito feliz ao apresentar toda a problemática técnica do meio ambiente dentro de uma perspectiva política, ou seja, não desvinculando a questão ambiental de todo os aspectos implicados: político, ideológico e econômico. As críticas feitas pelo A. são todas discutidas e fundamentadas a partir de fatos concretos, sobretudo quanto à política exploradora que os Estados Unidos têm desenvolvido na América Central. Esta segunda parte visa a formação de uma consciência crítica sobre a questão do meio ambiente na América Central. Até mesmo as ilustrações existentes ajudam nesta conscientização. Em resumo, nesta segunda parte do livro o A. não ignora a importância da auto-ecologia e da sinecologia, mas relaciona-as com toda a problemática humana. Licenciado e mestre em ciências naturais, graduado em Teologia e Sociologia, o A. está capacitado para apresentar a questão do meio ambiente dentro de um horizonte mais amplo.

Quanto à terceira parte do livro, onde o A. tenta desenvolver uma reflexão teológica sobre a ecologia, tenho algumas observações. A meu ver, o A. não desen-

volve uma reflexão teológico-sistemática sobre o meio ambiente, mas tenta, de maneira muito breve, apresentar alguns comentários teológico-bíblicos sobre a questão. Todo o instrumental muito rico utilizado na segunda parte do livro parece se diluir comparado às breves reflexões bíblicas da terceira parte. Fica pouco transparente a pretensão do A. de fazer uma *ecoteologia*. Por outro lado, como a questão da reflexão teológica sobre o meio ambiente é algo relativamente recente, a obra não deixa de ter importância para todos nós, sobretudo na preocupação que todos os cristãos devem ter diante da criação como um todo. Creio que a tradução desta obra para a língua portuguesa ajudaria não só para que tomemos consciência da problemática da América Central, mas serviria também de subsídio para despertar a consciência dos cristãos da América do Sul, que certamente sofre e continuará sofrendo as sérias consequências de uma exploração desenfreada e injusta do meio ambiente.

Josafá Carlos de Siqueira S.J.

FIORITO, Miguel Angel: *Discernimiento y lucha espiritual*. Comentario a las Reglas de discernir de la Primera Semana del libro de los Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola. — Buenos Aires, San Miguel: Ed. Diego de Torres, 1985. 263 pp., 19,7x14cm. ISBN 950-9210-04-8.

Trata-se de um comentário às Regras de Discernimento da Primeira Semana do livro dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. O A. explica ter optado por comentar as regras da Primeira Semana (e não as da Segunda) por terem valor mais universal, e por seu caráter de introdução geral às outras regras para discernir. A riqueza espiritual das mesmas e o conhecimento da variada ação do mau espírito justificam um comentário. O que distingue este livro de outros similares é o recurso, através de exemplos, às experiências contidas nos escritos espirituais de outros autores que não Inácio. A partir das regras inicianas buscam-se experiências espirituais que sirvam como exemplo. Este caráter ilustrativo do livro faz com que ele seja esclarecedor e prático e, em certo sentido, complementa o comentário mais amplo de Daniel Gil (*Discernimiento según San Ignacio*, CIS, Roma 1980), ao qual o A. faz constantes referências.

Conforme se depreende do título, a vida espiritual supõe uma luta que, como diz S. Paulo, “não é contra a carne e o sangue, mas contra os Principados, contra os Dominadores deste mundo tenebroso, contra os Espíritos do mal...” (Ef 6, 12). Precisamos, nesta luta, da chamada discríção que pode ser “por conaturalidade” ou pela aplicação das regras de discernimento. Devemos contar para isso com a ajuda do diretor espiritual para discernirmos os efeitos do bom e do mau espírito, e deste modo aprendemos também a prestar a mesma ajuda aos outros.

Manuel Eduardo Iglesias S.J.

SANTA ANA, Julio de: *Pan, vino y amistad*. — San José: DEI, 1985. 164 pp., 17,9x11,5cm. (Colección: aportes) ISBN 9977-904-18-9.

Este livro poderia ser caracterizado como uma série de meditações teológicas sobre os diversos aspectos da eucaristia, meditações que dão elementos para analisar nossa prática eucarística e assim “corrigir possíveis desvios e dentro do possível manter-nos no espírito da última ceia de Jesus” (31). A introdução e cada um dos onze capítulos inicia com um texto bíblico a partir do qual se reflete sobre um aspecto da eucaristia: memorial de libertação, compromisso social, atitude de serviço, dimensão escatológica, caráter de partilha e conversão, presença de Cristo, sacramento da aliança, solidariedade, sacramento da unidade, crítica ao mundo do pecado e da injustiça...

O ponto de partida da obra são experiências de celebrações da Ceia nas mais diversas modalidades. A riqueza da experiência leva a salientar a variedade de sentidos da Santa Ceia. O espírito ecumênico do A. (ele próprio metodista) se mostra no propósito de superar a polêmica do séc. XVI, tomando “consciência de que as fórmulas clássicas da teologia para compreender este sacramento correspondem a momentos da evolução do pensamento cristão que são muito diferentes do atual” (13). O título do livro expressa a importância do caráter de *refeição* próprio à eucaristia (refeição é mais que alimento!): “Na Mesa há pão e vinho. Em redor da mesma há uma comunidade de *amigos*. Ao mesmo tempo, mais além de tudo isso, entre tudo isso, está o próprio Jesus Cristo” (14-15). Por fim, no livro está bem presente a dor da separação entre os cristãos. A divisão entre os cristãos na Mesa do Senhor é um escândalo. Para o A.: “Nosso tempo está chamado a ser tempo de intercomunhão” (15), já que há comunhão no testemunho de vida dos cristãos na luta crucial de nosso tempo: a luta pela justiça.

F. T.

CARAVIAS, José Luis: *Lutar pela terra*: inspirações bíblicas para comunidades camponesas. Tradução (do espanhol) Luiz João Gaio. — São Paulo: Ed. Loyola, 1985. 118 pp., 20,7x13,8cm.

CARAVIAS, José Luis: *Luchar por la tierra*: inspiraciones bíblicas para las comunidades campesinas. — Lima: CEP, 1983. 126 pp., 20,5x16,7cm.

O lema da Campanha da Fraternidade deste ano era: “Terra de Deus-Terra de Irmãos”. O livro de Caravias apresenta um roteiro para a conquista da terra de irmãos. Estruturalmente o livro consta de seis partes onde se desenvolvem os diferentes aspectos da temática.

Na primeira parte é destacada a importância da terra; a terra que pertence a Deus e que sendo de Deus é um dom para todos poderem viver; não esquecendo

também que o homem provém da terra e para a terra voltará (Eclo 17, 1). No povo latino-americano (principalmente o nativo) continua ainda muito presente (= vivo) o sentimento de pertença à terra; o respeito pela terra-mãe que nos gerou.

Na parte seguinte relata a luta, a caminhada e a conquista da Terra Prometida. Caminhada e luta que começa com Abraão até a conquista da terra por Josué.

A terceira parte do livro relata toda a distribuição da terra; o respeito pelo mínimo vital de cada um, como também o respeito para com as sementeiras; a oferta dos primeiros frutos a Deus em ação e graças e a bênção de Deus sobre as colheitas da comunidade. Destacando a preocupação com o pobre e o estrangeiro.

As duas partes seguintes fazem uma relação dos pecados do povo e dos pecados dos poderosos. O povo pobre vivia a idolatria (oferecendo o produto aos ídolos) e também a servidão em relação aos grandes. Esses grandes, por sua vez, enriquecem sem levar em conta a Deus. E Deus amaldiçoa os que enriquecem com o que não lhes pertence, que enganam os outros com seus negócios.

A última parte começa apresentando a situação do povo que perde a sua terra e que a partir disto coloca sua esperança no Messias que governará o país segundo o direito e a justiça (Jr 23, 6).

O Messias se encarna e vive a condição de um povo camponês, passando por todas as dificuldades que o povo passa. Traz para o povo um mandamento novo que aperfeiçoa a lei e os profetas, leva-o a condenar os exploradores do povo, e a fazer a opção pelos pobres do seu tempo. O espírito do Reino continua presente nos seguidores de Jesus e nas primeiras comunidades cristãs.

Jesus se encontra hoje presente no povo camponês da América Latina. O homem do campo está cheio da vida de Jesus. Embora marginalizado e sofrido, a presença de Jesus Cristo é constante nas suas lutas, nas suas organizações e no seu espírito de solidariedade.

O povo camponês está ainda à espera da Terra Prometida, "Terra de Deus, Terra de Irmãos" conforme a Campanha da Fraternidade de 1986. Mas o povo está se dando conta de que a conquista da terra só é possível após uma luta organizada onde a solidariedade é a marca forte e Jesus Cristo se torna a esperança contra toda a esperança.

O livro é de estilo simples, gostoso de ler e meditar. Aconselhável de uma maneira especial para agentes de pastoral que atuam com camponeses.

Daniel Bertuzzi S.J.
